



# ANÁLISE DE /s/ EM CODA NA FALA DE MIGRANTES ALAGOANOS E PARAIBANOS EM CAMPINAS

Palavras-Chave: sociolinguística variacionista, acomodação dialetal, /s/ em coda

Autoras:

Sarah Poli Barbosa (IEL/Unicamp)  
Prof<sup>ª</sup> Dra<sup>a</sup> Livia Oushiro (DL/IEL/Unicamp)

## 1 INTRODUÇÃO

Com os estudos a respeito da fala de migrantes ainda escassos no Brasil, a presente pesquisa destinou-se a estudar a realização variável de /s/ em coda (como em *escola* e *mas*) na fala de alagoanos e paraibanos que migraram para região metropolitana de Campinas.

As análises partiram do *corpus* do Projeto Processos de Acomodação Dialetal (Oushiro, 2018) que conta com 40 entrevistas sociolinguísticas de 20 alagoanos e 18 paraibanos que migraram para Campinas. Os falantes estão estratificados em Gênero (feminino, masculino), Idade de Migração (até 19 anos, 20+ anos) e Tempo de Residência (até 9 anos, 10+ anos). O projeto conta já com análises sobre as vogais médias pretônicas /e/ e /o/ (como em *relógio*, *romã*), /r/ em coda silábica (como em *porta*), /t/ e /d/ antes de [i] (como em *dia*, *tia*), concordância nominal (como em *os carros/ os carro*) e negação sentencial (como em *não vi/ não vi não/ vi não*) (Oushiro, 2020).

Com o estudo do /s/ em coda foi possível acrescentar novos resultados para entender o processo de acomodação dialetal, principalmente o papel da Idade de Migração e Tempo de Residência.

## 2 METODOLOGIA

Com o *corpus* já gravado e transcrito por meio do Projeto Acomodação, o primeiro passo desta pesquisa foi a codificação das realizações de /s/ em coda no *corpus* de 40 entrevistas sociolinguísticas. Em seguida, os dados foram analisados qualitativa e quantitativamente por meio de testes de qui-quadrado e modelos de regressão logística na plataforma R (Core, 2021), como de praxe em estudos sociolinguísticos de vertente variacionista (Labov, 2001).

As análises consideraram a literatura existente sobre o /s/ em coda, como Melo (2017) e Macedo e Scherre (2000), e estudos sobre contato dialetal e a situação de migração no Brasil, como Oushiro (2016), Oushiro (2020), Lima e Lucena (2013), Fouquet (2013), Santana (2018), entre outros.

A partir da literatura em questão e dos demais resultados do Projeto Acomodação (ver seção 1), estabeleceram-se duas hipóteses centrais:

- Quanto à idade de migração, quanto mais novo o falante migrou, mais acomodada às variantes paulistas sua fala estará;
- Quanto ao tempo de residência, quanto mais longo o tempo de contato com o dialeto paulista, maior será o grau de acomodação às variantes da comunidade anfitriã.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a análise de /s/ em coda, foram analisadas variáveis linguísticas e variáveis sociais, com o objetivo de entender como se dá o processo de acomodação da variável em relação à comunidade anfitriã.

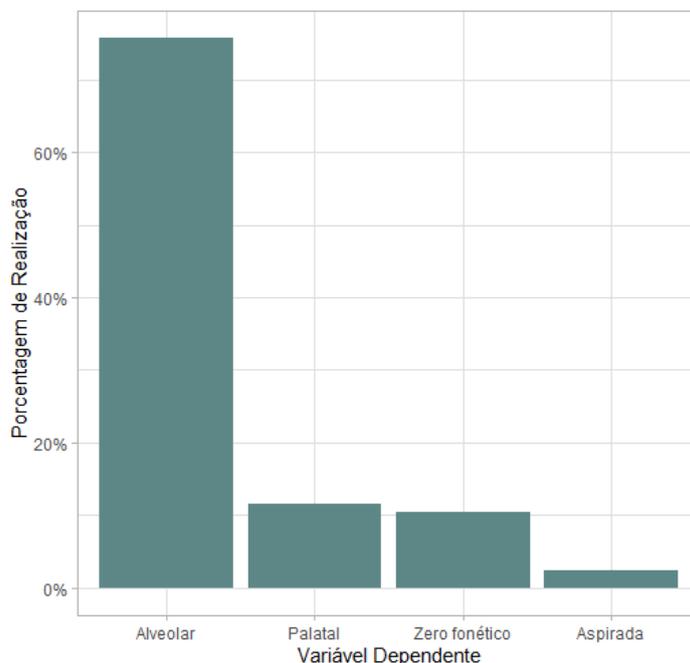


Figura 1: Distribuição das variantes de /s/ em coda no *corpus* (N = 6604).

A Figura 1 mostra a distribuição das variantes em 6604 dados: a variante mais frequente foi a alveolar (75,7%), seguida da variante palatal (11,5%) e do apagamento (10,4%), e a menos frequente foi a variante aspirada (2,3%).

Como o /s/ em final de sílaba é uma variável não binária, para viabilizar as análises de regressão logística, suas variantes foram divididas em três processos fonético-fonológicos: a palatalização da variável ([s] vs [ʃ]); a aspirada e todas as outras variantes ([fɨ] vs [s], [ʃ] e  $\emptyset$ ), buscando comparar os resultados com o de Melo (2017); e o apagamento e todas as outras variantes ( $\emptyset$  e [s], [ʃ] e [fɨ]), para que seja possível comparar os processos de apagamento e aspiração, considerando que a relação entre eles já foi abordada por Macedo e Scherre (2000).

Durante o último ano de pesquisa realizou-se a análise do processo de palatalização da variável, que demonstrou correlações significativas com as variáveis que estratificam o *corpus* nas análises univariadas e nos modelos de regressão sem a inclusão de efeitos mistos, nomeadamente Idade de Migração e Tempo de Residência.

Já com o modelo de regressão logística com a inclusão de efeitos mistos não houve correlação com a variável Idade de Migração (ver Tabela 1). Nesta análise, para as variáveis linguísticas, constatou-se correlação significativa para a posição do /s/ na palavra (a palatal é favorecida em posição medial), e contexto fonológico seguinte (a palatal favorecida quando procedida por coronal). Em seu estudo sobre /s/ pós-vocálico de fluminenses, Macedo e Scherre (2000) apontam resultados parecidos quanto à realização do /s/ em meio de palavra. Brandão (2008) também aponta resultados nessa direção para a mesma variável e ainda observa a sílaba tônica como contexto preferencial para a palatal em seu trabalho sobre a fala fluminense, mas que na análise de efeitos mistos não mostrou correlação.

Tabela 1: Tendências de emprego da variante palatal em análise de regressão logística de efeitos mistos de /s/ em coda (N=5764)

*Intercept = -5,055.*

Variável	Estimativa	Erro Padrão	Valor-z	<i>p</i>	Apl./N	%
<b>Tonicidade</b>						
Átona (v. referência)					394/3587	10,9%
Tônica	0.163	0.136	1.201	0.239	368/2177	17%
<b>Posição</b>						
Final (v. referência)					99/3410	2,8%
Medial	2.071	0.222	9.328	<0,001***	663/2255	29%
<b>Contexto fonológico precedente</b>						
Fechada (v. de referência)					197/1319	14,9%
Meia fechada	-0.074	0.150	-0.492	0.622	386/2584	14,9%
Meia aberta	0.281	0.202	1.391	0.164	105/314	33,4%
Aberta	-0.266	0.213	-1.247	0.212	74/1547	4,7%
<b>Contexto fonológico seguinte</b>						
Pausa (v. de referência)					16/816	1,9%
Dorsal/labial	-2.126	0.373	-5.689	<0,001***	18/2664	0,7%
Coronal	1.909	0.293	6.511	<0,001***	728/2284	31%
<b>Classe Morfológica</b>						
Advérbio (v. referência)					21/596	3,5%
Adjetivo	0.014	0.345	0.043	0.965	123/611	20,1%
Verbo	-0.251	0.330	-0.760	0.447	235/934	25,1%
Substantivo	0.032	0.312	0.104	0.917	328/1681	19,5%
Pronome	-0.490	0.383	-1.279	0.201	15/764	1,9%
Artigo	0.769	0.362	2.120	0.033*	23/789	2,9%
Conjunção	-0.978	0.528	-1.854	0.063.	7/212	3,3%
Numeral	0.370	0.462	0.800	0.423	10/178	5,6%
<b>Gênero</b>						
Masculino (v. de referência)					317/2188	14,4%
Feminino	0.037	0.296	0.126	0.899	445/3576	12,4%
<b>Tempo de Residência</b>						
Até 9 anos (v. referência)					523/2716	19,2%
10+ anos	-0.994	0.333	-2.985	<0,002**	239/3048	7,8%
<b>Idade de Migração</b>						
Até 19 anos (v. referência)					330/3148	10,4%
20+ anos	0.528	0.281	1.875	0.060.	432/2616	16,5%
<b>Escolaridade</b>						
Fundamental (v. referência)					322/2847	11,3%
Médio/Superior	0.251	0.354	0.711	0.477	440/2917	15%
<b>Índice socioeconômico</b>						
	-0.553	0.317	-1.743	0.081.		
<b>Paulistidade</b>						
	-0.004	0.050	-0.082	0.934		
<b>Nordestinidade</b>						
	0.038	0.087	0.436	0.662		
<b>Índice de rede</b>						
	0.112	0.055	2.038	0.041*		
<b>Índice de hábitos</b>						
	-0.0005	0.058	-0.009	0.992		
<b>Estadualidade</b>						
	0.089	0.158	0.562	0.574		

Modelo: VD ~ Tonicidade + Posição.S + cfp\_abertura + cfs\_pontoc + classe.morfologica + sexo + tempo.sp + idade.migracao + escolaridade + indice.socio + paulistidade + nordestinidade + indice.rede.est + indice.habitos + estadualidade + (1—participante)

Para as variáveis sociais, verificou-se correlação significativa com o Tempo de Residência (quanto maior o tempo de residência no Estado de São Paulo, menor é o uso da palatal; ver Figura 2).

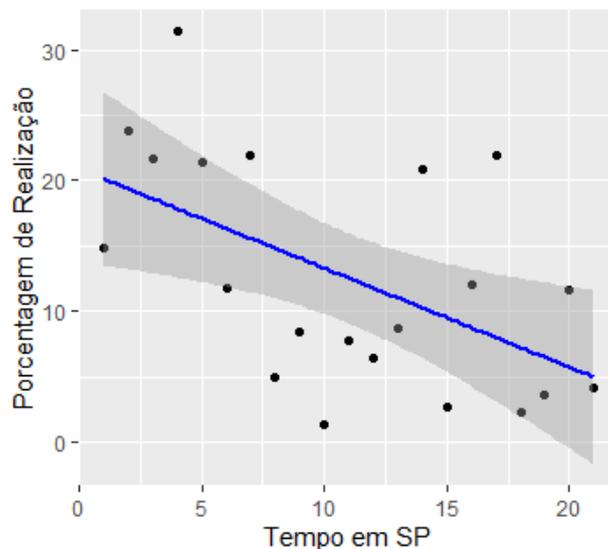


Figura 2: Proporção de emprego da variante palatal de acordo com Tempo de Residência em São Paulo

Outras variáveis que demonstraram correlação foi o Índice de Rede do Estado de Origem (quanto maior é o número de paraibanos ou alagoanos que integram a rede social do falante, mais frequente é o uso de [ʃ]).

Os resultados obtidos a partir da análise do /s/ em coda divergem dos resultados obtidos a partir das demais variáveis analisadas no Projeto Acomodação. Nesse projeto, verificou-se que há correlação sistemática entre Idade de Migração com variáveis fonéticas e nenhuma com variáveis morfossintáticas (Oushiro, 2018, p. 16). Essa generalização não pode ser observada para o processo de palatalização do /s/ em coda.

Por outro lado, ainda que a hipótese inicial quanto ao Tempo de Residência fosse de fato que os residentes de longo prazo estivessem mais acomodados à fala da comunidade anfitriã, como se verificou aqui, no Projeto Acomodação havia-se constatado correlação com essa variável apenas para a realização de /r/ coda, e não com as demais. A explicação aventada por Oushiro (2020) para a correlação com /r/ em coda foi a saliência social desse traço linguístico, frequentemente mencionado pelos participantes como um diferenciador dialetal. A análise dos dois outros processos fonético/fonológicos (aspiração e apagamento de /s/), nos passos futuros, poderá auxiliar na interpretação desse resultado.

## 4 CONCLUSÕES

Com os resultados obtidos de /s/ em coda, tem-se contribuído para estudos cada vez mais sistemáticos sobre o processo de acomodação dialetal, principalmente no que se refere ao estudo de várias variáveis em um mesmo *corpus*. As análises aqui demonstraram correlação significativa com uma das duas variáveis de interesse principal para contato dialetal, o Tempo de Residência.

Os próximos passos da pesquisa focarão na análise dos demais processos fonético/fonológicos que ainda não foram analisados: aspirada e todas as outras variantes ([h̃] vs [s], [ʃ] e  $\emptyset$ ), e o apagamento e todas as outras variantes ( $\emptyset$  e [s], [ʃ] e [h̃]) (ver seção 3). Se for factualmente a saliência da variável que atua na acomodação linguística ao longo do tempo, espera-se que tempo de residência tenha forte correlação com a variável aspiração vs. demais variantes, e

uma correlação inexistente ou fraca com o apagamento vs. realização, uma vez que a aspiração (p.ex. “de[h]liga”) é a variante mais marcada das quatro variantes de /s/.

## 5 REFERÊNCIAS

- Brandão, S. (2008). “Estudo variacionista sobre a palatalização de /S/ em coda silábica na fala fluminense.” Em: *CELSUL*.
- Core, R. T. (2021). *R: A language and environment for statistical computing*. R Foundation for Statistical Computing. URL: <http://www.R-project.org/> (acesso em 2021).
- Fouquet, C. B. G. (2013). “A influência do dialeto nordestino frente ao dialeto paulista.” Master’s Thesis. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Labov, W. (2001). *Principles of Linguistic Change. Social Factors*. Vol. 2. Malden: Blackwell Publishers Inc.
- Lima, I. d. S. e R. M. d. Lucena (2013). “Influência de variáveis não linguísticas no processo de acomodação dialetal do /s/ em coda silábica por paraibanos em Recife.” Em: *Letrônica, Porto Alegre* 6.1, pp. 161–178.
- Macedo, A. V. T. d. e M. M. P. Scherre (2000). “Restrições fonético-fonológicas e lexicais: o -s pós-vocálico no Rio de Janeiro.” Em: Martellota, M. E. e M. C. Molica. *Análises Linguísticas: a contribuição de Alzira Macedo*. Rio de Janeiro, pp. 52–64.
- Melo, M. A. S. L. de (2017). “Direcionalidade na mudança sonora: o papel do item lexical e da avaliação social.” Tese de dout. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Oushiro, L. (2016). *Processos de acomodação dialetal na fala de nordestinos residentes no estado de São Paulo*. Rel. técn. Campinas: IEL - Universidade Estadual de Campinas.
- (2018). *Projeto Processos de Acomodação Dialetal - Relatório Final*. Rel. técn. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem - Universidade Estadual de Campinas.
- (2020). “Contrasting Age of Arrival and Length of Residence in Dialect Contac.” Em: *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics* 25, pp. 79–88.
- Santana, A. d. L. (2018). “Acomodação dialetal de sergipanos em São Paulo: a influência das redes sociais e do indivíduo.” Em: *Estudos Linguísticos* 47.1, pp. 212–225.